

DO VALE TUDO AO MMA, DO ANALÓGICO AO DIGITAL: HISTORIOGRAFIA DO JORNALISMO ESPECIALIZADO EM MMA¹

Allysson Martins²

Resumo: O MMA é um esporte de luta em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais. Ao situar o lugar do MMA no jornalismo esportivo, o artigo traça um paralelo historiográfico entre o desenvolvimento deste esporte e da sua produção jornalística, ao apontar marcos históricos para a modalidade – como sua profissionalização e popularização no país – e para o jornalismo especializado nesta prática esportiva – com revistas e programas televisivos, além de revista digital, agência de notícias, sites jornalísticos, canais de YouTube e de TV. Embora a modalidade apareça na mídia brasileira desde os primórdios do Vale Tudo, as produções especializadas se intensificaram no período em que o esporte se popularizou, isto é, na década seguinte às Regras Unificadas do MMA.

Palavras-chave: jornalismo especializado; jornalismo esportivo; Vale Tudo; MMA; Historiografia.

From Vale Tudo to MMA, from analogical to digital: historiography of MMA specialized journalism

Abstract: MMA is a fighting sport in which athletes use techniques and resources of many martial arts. By situating the place of MMA in sports journalism, the article presents a historiographical parallel between the development of this sport and its journalistic production, pointing out landmarks for the sport – such as its professionalization and popularization in Brazil – and for journalism specialized in this sports practice – like magazines, television shows, digital magazine, news agency, news sites, YouTube and TV channels. Although the sport has appeared in the Brazilian media since the beginning of Vale Tudo, specialized productions intensified during the period when the sport became popular, that is, in the decade following the Unified Rules of MMA.

Keywords: specialized journalism; sports journalism; Vale Tudo; MMA; historiography.

De Vale Tudo a MMA, de analógico a digital: historiografía del periodismo especializado en MMA

Resumen: MMA es un deporte de lucha en el cual los atletas usan técnicas y recursos de muchas artes marciales. Al situar el lugar del MMA en el periodismo deportivo, el artículo presenta un paralelo historiográfico entre el desarrollo de este deporte y su producción periodística, señalando puntos de referencia para el deporte – como su profesionalización y popularización en Brasil – y para el periodismo especializado en este deporte – como revistas, programas de televisión, revistas digitales, agencias de noticias, sitios de noticias, YouTube y canales de televisión. Aunque el deporte ha aparecido en los medios brasileños desde el comienzo de Vale Tudo, las producciones especializadas se intensificaron durante el período en que el deporte se hizo popular, es decir, en la década siguiente a las Reglas Unificadas de MMA.

Palabras-clave: periodismo especializado; periodismo deportivo; Vale Tudo; MMA; historiografía.

1 Uma versão preliminar deste artigo foi publicada no 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM). Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Professor de Jornalismo e coordenador do Grupo de pesquisa em COMtatos na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: allyssonviana@unir.br.

Introdução

O jornalismo esportivo compreende a produção jornalística dedicada ao noticiário esportivo, em cadernos e editorias, em espaços generalistas ou em veículos especializados. Essa especialização existe desde o final do século 18, com produções próprias do segmento no século seguinte com mais força na Europa, enquanto no Brasil se destaca no início do século 20. Embora não se restrinja a tratar de futebol, a partir da metade deste século, o jornalismo esportivo brasileiro aborda mais detidamente esta modalidade (COELHO, 2003; FERREIRA, 2011; LEANDRO, 2005, 2011), com expressão, especialmente quando existem atletas vencedores, para automobilismo – Fórmula 1 –, basquete, tênis, surfe e vôlei, além de boxe, ginástica artística, judô e natação – sobretudo nos períodos dos Jogos Olímpicos de Verão.

Os cadernos esportivos nos jornais diários se tornaram corriqueiros na década de 1960, quando a seleção brasileira de futebol já era bicampeã mundial e com o principal jogador do mundo e da história do esporte, Pelé, com as revistas especializadas surgindo na década seguinte. Como o jornalismo esportivo sempre esteve ligado ao futebol – ainda que não se restrinja a ele –, a profissionalização do esporte contribuiu para o aprimoramento das publicações jornalísticas especializadas nessa área a partir dos anos de 1960, quando o futebol era o esporte principal do país. “É difícil precisar se os esportes cresceram por conta da imprensa ou se o desenvolvimento de uma imprensa esportiva foi fruto de uma busca e um interesse do público por este tipo de informação” (ALVAREZ, 2013, p. 68).

O primeiro registro histórico de uma prática esportiva remonta há alguns mil anos antes de Cristo, através de desenhos em paredes no Egito que pareciam descrever o que conhecemos hoje como *wrestling* (SILVEIRA, 2009). Hoje, dos esportes de combate, o MMA (artes marciais mistas, *mixed martial arts*, em inglês), um esporte de luta em que os atletas utilizam técnicas e recursos de diversas modalidades marciais, é o que tem ganhado atenção no jornalismo especializado nacional mais recentemente, pois foi apenas em 2000 que se profissionalizou com as Regras Unificadas do MMA. Ao situar o seu lugar entre as modalidades do jornalismo esportivo, este artigo traça um paralelo historiográfico entre o desenvolvimento deste esporte e da sua produção jornalística, ao apontar marcos históricos para o MMA – como sua profissionalização e popularização no país – e para o jornalismo especializado nesta modalidade esportiva – com revistas e programas televisivos, mas, principalmente, revista digital, agência de notícias, sites jornalísticos, canais de Youtube e de TV.

Vale Tudo, os primórdios

O MMA é um esporte de luta que mistura técnicas de várias modalidades marciais, como boxe, *muay thai*, *wrestling*, judô, jiu jitsu, karatê, sambô, entre outros. Esta definição, porém, não surgiu juntamente à prática, uma vez que sua origem remonta a primeira metade do século XX ou, como alguns preferem, a Grécia Antiga – com o pancrácio, que misturava as lutas que originariam o *wrestling* e o boxe (FERREIRA, 2011; ALVAREZ e MARQUES, 2011; ALVAREZ, 2013). A história do desenvolvimento do Vale Tudo até o

MMA é registrada por quem pesquisa o esporte por causa do seu caráter inicial (ALVAREZ e MARQUES, 2011; FERREIRA, 2011; SILVEIRA, 2011; AWI, 2012; MIRANDA, 2012; ALVAREZ, 2013; SANTOS e MIRANDA FILHO, 2015).

No Brasil, O Vale Tudo possui uma origem como prática regular a partir da década de 1920 pela família Gracie, que tinham a intenção de popularizar o que ficou posteriormente conhecido como *Brazilian jiu-jitsu* (jiu-jitsu brasileiro, ou bjj) ao provar que esta era a arte marcial mais efetiva. Os Desafios Gracie, ou *Gracie Challenges*, surgiram com essa perspectiva, quando os membros desta família convocavam, em academias e jornais – já aproximando o esporte da mídia –, lutadores do país para lutas sem regras; sobretudo, contra boxeadores, capoeiristas e judocas. A ideia foi inspirada na trajetória de Mitsuyo Maeda, o Conde Koma, que viajou o mundo para provar que o judô – pois era discípulo de Jigoro Kano, fundador da primeira escola desta arte marcial – era a melhor modalidade de luta. Porém, ao chegar ao Brasil na década de 1910, ensinou o jiu-jitsu tradicional a Carlos Gracie, em Belém (SILVEIRA, 2011; AWI, 2012; ALVAREZ, 2013; JARDIM, 2018).

Um dos primeiros combates do que viria a ser primeiramente nomeado de Vale Tudo no país aconteceu quando Carlos começou uma série de cinco lutas, terminando em 1931, contra o capoeirista Samuel, o Negro Gigante (SILVEIRA, 2011; AWI, 2012; ALVAREZ, 2013; JARDIM, 2018). Por três décadas, eles enfrentaram mestres do judô e da capoeira e, posteriormente, do *muay thai* e da luta livre. “A estratégia, desenvolvida pelos irmãos Carlos e Hélio Gracie, consistia em promover desafios entre os praticantes do jiu-jitsu brasileiro e praticantes das demais modalidades de artes marciais” (SILVEIRA, 2011, p. 28).

Os membros da família Gracie se tornaram reconhecidos socialmente por propagar o Vale Tudo, porém, a lógica do MMA é diferente do que eles e seus alunos defendiam. Enquanto tentavam provar a supremacia do que se popularizou como jiu-jitsu brasileiro, os atletas do jovem esporte pregam o treinamento de várias artes marciais. Segundo Awi (2012, p. 36), “o inimigo deixou de ser outra modalidade de luta para passar a ser o lutador, como no MMA de hoje (...) é uma grande e frequente injustiça dar a eles ou ao jiu-jitsu brasileiro todo o crédito pelo surgimento e pelo desenvolvimento do MMA”.

A última década do século passado viu o jiu-jitsu brasileiro chegar aos EUA, quando Rorion Gracie criou em 1993 o *Ultimate Fight* – hoje, *Ultimate Fight Championship* (UFC) – em parceria com Art Davie, publicitário estadunidense, e John Milius, diretor e roteirista de Hollywood – onde Rorion tinha alunos famosos como Mel Gibson e Chuck Norris (AWI, 2012; ALVAREZ, 2013; JARDIM, 2018). Eles queriam provar ao mundo uma suposta superioridade do jiu-jitsu brasileiro a partir de lutas com poucas regras – um “esporte de sangue” (*bloodsport*, em inglês) em que “não existem regras!” (*there are no rules!*, em inglês) – entre representantes de diversas artes marciais. O evento deveria ser semelhante ao jogo Mortal Kombat, com cartaz promocional contendo o slogan de “O mais bárbaro e sangrento da história” (AWI, 2012). A história do UFC se confunde com a do esporte, com seu início na TV a cabo, quando as lutas não tinham tempo para acabar, não existiam juizes, equipamentos ou trajes obrigatórios, separação por peso ou por graduação em uma arte marcial.

O evento inovou pelo, hoje tradicional, octógono, ao evitar a fuga dos lutadores pelas cordas do ringue, obrigando-os a uma maior movimentação. Com sucesso instantâneo, pois o primeiro UFC obteve quase 90 mil compradores de *pay-per-view*, os políticos dos EUA se mobilizaram para marginalizar aquela “rinha humana” (SILVEIRA, 2011; AWI, 2012; ALVAREZ, 2013; JARDIM, 2018), proibindo a veiculação televisiva e até as competições em muitos estados, revertendo-se completamente só em 2016, quando Nova York aprovou o esporte, último estado estadunidense a fazê-lo.

O jornalista Howard Rosenberg (1993) cunhou o termo artes marciais mistas (*mixed martial arts*) para descrever a primeira edição do UFC, em 15 de novembro de 1993, em matéria para o *Los Angeles Times*. O texto enfatizava o impacto das compras de *pay-per-view* para se assistir às lutas com poucas regras onde os lutadores não podiam escapar. A revista *Forbes* disse que o UFC foi “a franquia de *pay-per-view* com a melhor estreia na história da TV americana” (AWI, 2012, p. 96). Ainda assim, o quarto evento deu prejuízo porque, na última luta, eles ultrapassaram em três minutos as duas horas compradas do sinal de satélite, precisando devolver o dinheiro aos telespectadores, que só viram o final após o UFC enviar uma fita VHS com todas as lutas da noite. A grande mídia, como o jornal *The New York Times*, a revista *The New Yorker* e o canal de televisão CNN, logo começava a criticar a praticamente inexistência de regras do evento, muito por causa da sua própria promoção, que tinha frases como: “‘O show mais bárbaro da história’, ‘Sem limites’, ‘Proibido em 49 estados’” (AWI, 2012, p. 121).

Enquanto o esporte se complicava no ocidente, o Japão se mostrou um país adepto às lutas com poucas regras, onde o Vale Tudo começou regularmente no final dos anos de 1960 com os eventos promovidos por Antonio Ioki (AWI, 2012). Em 1985, foi criado o Shooto, em 1993, o Pancrase – ambos ainda ativos – e, em 1997, quando as lutas do UFC foram proibidas nos EUA, surgiu o *Pride Fighting Championships* (Pride), tornando-se o mais relevante do mundo nas artes marciais mistas e o primeiro japonês a ser transmitido nos EUA, em 2000. Ele era exibido na maior emissora de TV aberta do país, a TV Fuji, que se retirou em junho de 2006, quando acusações de envolvimento com a máfia japonesa e os resultados fraudados diminuíram a credibilidade da organização. Em 2007, foi comprado pelo UFC. À época, o Brasil tinha o terceiro maior evento, o *International Vale Tudo Championship* (IVC), que, com dois anos de eventos regulares, de 1997 até 1999, teve lutas veiculadas ao vivo pelo SporTV e dois meses depois compactadas para a Band (AWI, 2012).

Os primeiros “heróis” do esporte surgiram na terra dos samurais, quando se sobressaía o espetáculo no lugar das artes marciais, pois “um evento do esporte não se limita às lutas, sendo transformado, de fato, em um espetáculo” (MIRANDA, 2012, p. 51). A transformação de atletas em seres quase mitológicos, algo existente desde o período dos gladiadores romanos e intensificado no futebol com a produção midiática das crônicas e do noticiário esportivo – sobre a vida dos atletas dentro e fora de campo – (BORELLI, 2002; COELHO, 2003; LOVISOLO, 2011), acontece também com os lutadores de MMA, sobretudo aqueles contratados pelo UFC, batizados por Galvão Bueno como “gladiadores do terceiro milênio”, com apelidos que reforçam essa

perspectiva, como Minotauro, Shogun, Ninja, Dragão, O Último Imperador, entre outros.

Essas estratégias não se restringem ao jornalismo, pois se valem dos aparatos de entretenimento da mídia, especialmente no caso do Grupo Globo para o MMA, em que os lutadores frequentam dos programas esportivos e jornalísticos até os de entretenimento, para entrevista sobre sua vida ou mesmo para realizar jogos, dicas culinárias e até outras competições, como de dança, no caso dos programas da Ana Maria Braga e do Fausto Silva (FERREIRA, 2011; ALVAREZ, 2013; SANTOS; MIRANDA FILHO, 2015). Tornou-se corriqueiro também a participação de lutadores em programas brasileiros de *talk shows* e até em novelas, que incorporaram esta temática.

Mídia e profissionalização do MMA

A visibilidade que a mídia deu às lutas com poucas regras não começou a partir dos anos de 1990, quando foram criados os maiores eventos de MMA. Os Desafios Gracie e o Vale Tudo já frequentavam o noticiário brasileiro, quando a imagem dos lutadores se desgastou por causa das invasões às academias e das brigas em festas, praias, ruas e estádios (AWI, 2012; JARDIM, 2018). Essa visão negativa é perceptível socialmente até hoje. O Canal Combate e o SporTV lançaram, em 2009, a campanha “Não brigue, lute”, com cantores, atores e outros artistas com imagem positiva, a fim de dizer que as artes marciais não têm a ver com pessoas violentas. A partir dos anos de 1950, o jiu-jitsu brasileiro ganhou espaço na mídia nacional por causa da aproximação de algumas figuras, como: Getúlio Vargas e João Baptista Figueiredo, ex-presidentes, Mario Andreazza, Adhemar de Barros e Carlos Lacerda, políticos, sendo este também jornalista, que foi acompanhado pelos colegas da imprensa Roberto Marinho, Mário Rodrigues Filho e Flávio Cavalcanti, além do arquiteto Oscar Niemeyer, do cantor Nelson Gonçalves e do político Tenório Cavalcanti, o Homem da Capa Preta (AWI, 2012; ALVAREZ, 2013).

O Vale Tudo era noticiado em jornais do Rio de Janeiro, com registros em *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports*, *O Dia*, *O Globo*, *Rio Esportivo*, *Última Hora* e a revista *Ring*. Um dos registros mais antigos é da primeira luta protagonizada por Hélio Gracie, em 1932, contra o pugilista Antonio Portugal e denominada de “evento de lutas mistas”. A relação com alguns jornalistas era tão próxima que, na redação do *Diário Carioca*, Hélio Gracie lutou contra um capoeirista chamado Caribé (AWI, 2012). Carlson Gracie já invadiu a TV Tupi durante uma apresentação de taekwondo para desafiar Pedro Gama Filho, presidente da Federação Carioca de Pugilismo.

Na década de 1950, os Desafios Gracie alcançam grande repercussão – assim como o Vale Tudo, pois, à época, havia um monopólio da família e uma estreita relação com o esporte. Em 1951, Hélio Gracie enfrentou os renomados judocas Jukio Kato – com uma vitória e um empate – e Masahiko Kimura – com uma derrota –, nos estádios do Maracanã e do Pacaembu, repercutindo até na revista *Cruzeiro*, além dos outros veículos impressos com matérias antes e depois da luta (ALVAREZ e MARQUES; 2011; ALVAREZ, 2013). Em 1955, com quase quatro horas de duração, Hélio, com mais de 42 anos de

idade e quatro de aposentadoria, perdeu para Waldemar Santana, com 18 anos a menos e 30 quilos a mais. A luta rendeu uma crônica de Nelson Rodrigues (FERREIRA, 2011) e o surgimento de outra figura proeminente para o Vale Tudo ao desafiar e ganhar Waldemar forma lutadores nas décadas seguintes: Carlson Gracie.

As primeiras transmissões televisivas das lutas de Vale Tudo aconteceram na TV Tupi de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente, em 1950 e 1951, porém, foi na década seguinte que elas atingiriam um público ainda maior. Em 1958, Flávio Cavalcanti exibiu ao vivo uma luta de Carlson pela TV Rio, no programa Noite de Gala, e, em 1959, o Heróis do Ringue passou a ser transmitido toda segunda-feira, na TV Continental. Em 1962, ele saiu do ar após um lutador ter o braço quebrado, com som do osso estalando veiculado na televisão, ocasionando a proibição do Vale Tudo no estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro (AWI, 2012; ALVAREZ, 2013). O programa voltou rapidamente em 1999, pela CNT. Esses acontecimentos fizeram o MMA nacional ser impulsionado no Norte e Nordeste, com destaque para o programa TV Ringue Torre, que contribuiu para a descentralização do esporte. Ainda assim, o bjj e a luta livre travaram uma rivalidade, desenvolvendo o Vale Tudo na clandestinidade, com brigas fora de locais apropriados.

Na década de 1970, a TV Brasília exibiu alguns programas sobre defesa pessoal, porém, o esporte hibernou por quase uma década (BARRETO e SARMENTO, 2012). A falta de oportunidades fez Rorion Gracie mudar-se definitivamente para os EUA, em 1978; 11 anos depois, a revista Playboy fez uma reportagem sobre ele. “No início da década de 1980, os Gracie estavam tão sedentos por um vale-tudo como nos velhos tempos que aceitaram enfrentar até o representante de uma luta completamente desconhecida” (AWI, 2012, p. 72). Nesta década, o nordestino Rei Zulu e Rickson Gracie lutaram e receberam destaque na revista Manchete como sendo “A Noite das Artes Marciais”, com direito até a entrevistas na TV Globo. Esta foi umas das últimas vezes, no século passado, que o Vale Tudo recebeu um elogio abertamente da grande mídia (AWI, 2012; ALVAREZ, 2013).

Ao longo dos anos, membros da família Gracie invadiram academias e brigaram em festas, praias, ruas e estádios, culminando na morte de Ryan Gracie, em 1997. Nesta década, o jornal *O Globo* realizou diversas reportagens negativas sobre o jiu-jitsu brasileiro. De acordo com Awi (2012), quando a intimidação não era suficiente, eles partiam para a violência; com o tempo, a luta para ajudar o mais fraco se tornou a arma do mais forte. Nos anos de 1990, inclusive, existia professor que aplaudia alunos que brigassem no fim de semana e agredia os que não agissem assim. Por isso, o esporte “foi proibido em diversas épocas e cidades, namorou a marginalidade, foi comparado a uma rinha humana e subsistiu durante muitos anos apenas com as proibições básicas de uma luta honrada: mordidas, dedo no olho e puxão de cabelo” (AWI, 2012, p. 22).

Em 1991, o Grande Desafio teve sua confusão transmitida pela TV Globo, com regras infringidas; de mordida a briga fora do ringue, na primeira luta, até invasão das equipes, no combate final. Na época, a TV Manchete também estimulou e divulgou o evento, com edição própria no programa Documento Especial, enquanto a TV Globo autorizou quatro chamadas nos intervalos da novela das oito, horário nobre da maior emissora do país (AWI,

2012; ALVAREZ, 2013). Dos presentes aos telespectadores, houve contrariedade com o excesso de violência e o clima de guerra. “O dano mais grave, porém, foi à imagem do esporte. O desrespeito às regras, destacado na transmissão da TV Globo, associado à quantidade de sangue que foi ao ar, assustou os telespectadores mais conservadores. O vale-tudo ficaria muitos anos sem ganhar o mesmo destaque na televisão aberta brasileira” (AWI, 2012, p. 112). No Brasil, o UFC era transmitido pelo SporTV, por videotape, em 1995, quando a *Folha de S. Paulo* fez uma reportagem sobre Royce Gracie, sem saber que ele já tinha saído do evento.

Em 1997, por causa da briga generalizada no estádio, após apagão das luzes e invasão do público, foi a vez do Pentagon Combat impressionar jornalistas do SportTV, desta vez, em canal a cabo. Sérgio Maurício, que terminou a narração debaixo da mesa, deixou claro que o Grupo Globo não tinha relação com a organização, diferente de seis anos atrás (AWI, 2012). O prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Conde, queria até proibir o esporte, mas o governador, Marcello Alencar, disse que deveriam exigir mais regulamentação e autorização da Secretaria de Segurança Pública (AWI, 2012). Um ano antes da confusão, que foi parar até na CNN, o SBT Repórter cobriu o Campeonato Brasileiro de Vale Tudo, descrito, pelos jornalistas Antonio Pétrin e Marília Gabriela, como uma “selvageria” proporcionada por lutadores que eram verdadeiras “máquinas programadas para matar”. Essas exhibições de violência descontrolada para todo o Brasil custou aos treinadores, praticantes, promotores e amantes do esporte, parecendo mais um acerto de contas entre rivais de gangues do que exhibições esportivas.

O esporte precisava sair da marginalidade e se profissionalizar, por isso, foram propostas diversas mudanças a fim de regulamentá-lo, principalmente, junto às comissões atléticas estadunidenses, investindo em propaganda para humanizar os lutadores e o esporte, abolindo o termo Vale Tudo e inserindo a ideia de artes marciais mistas (SILVEIRA, 2011; ARAÚJO, 2016). Esse passo para a profissionalização aconteceu com as Regras Unificadas do MMA em 2000, quando são definidos, entre outros aspectos: divisão de peso, nomenclatura, rounds, trajes e equipamentos, arbitragem, julgamento, golpes, advertências, faltas e resultados. Essas regras são atualizadas em 2009, 2012 e 2016. É a transformação gradativa do Vale Tudo em MMA, um esporte regulamentado.

O UFC realiza ações para se tornar a maior organização de artes marciais mistas do mundo, como a extinção da concorrência – como *World Extreme Cagefighting* (WEC), obtido em 2006 e acabado em 2010; *Pride*, de 1997, comprado e finalizado em 2007; e *Strikeforce*, com foco no MMA desde 2006, adquirido em 2011 e fechado em 2013 – e a criação em 2005 do *reality show The Ultimate Fighter* (TUF), fazendo com que diversos lutadores convivessem trancados em uma casa com lutas eliminatórias entre eles. O vencedor conquistaria um contrato com o UFC após derrotar todos os seus oponentes. A final, entre Forrest Griffin e Stephan Bonnar, atingiu o recorde de *pay-per-view* da época, com 280 mil vendas, salvando as finanças do evento e atingindo um público até então inédito. Se na primeira edição a Spike TV dividiu as despesas de organização, nas outras edições do *reality show* teve de pagar até 100 milhões de dólares (AWI, 2012).

Os jornais como *USA Today* e *Boston Globe* começaram a fazer publicações positivas sobre o evento (AWI, 2012). Hoje, o MMA possui a alcunha, principalmente do UFC, de que é o esporte que mais cresce nos EUA e no mundo, endossado por empresários dos maiores eventos, por jornalistas especializados neste esporte e por pesquisadores (FERREIRA, 2011; MIRANDA, 2012; SANTOS e MIRANDA FILHO, 2015). Segundo Alvarez e Marques (2011), essa relevância midiática é explicada menos pelos combates do que pelo trabalho de marketing e de imagem pelo qual passaram o MMA e o UFC.

A popularização do MMA no Brasil ganhou força em 2010, juntamente ao período de maior proliferação dos veículos especializados. Embora os direitos de transmissão do UFC até hoje sejam do Grupo Globo, a RedeTV! foi a primeira emissora de televisão aberta do país a veicular um evento da organização – com lutas antigas –, o UFC sem Limites, de 2009 até 2011 (AWI, 2012; ALVAREZ, 2013). Em 1997, uma década antes, Jorge ‘Joinha’ Guimarães apresentou, no SporTV, o programa Passando a Guarda, onde exibia compacto das lutas do UFC e depoimentos dos lutadores. Desde então, o MMA ganhou tanta relevância que é o único esporte a possuir um canal específico, além do futebol. O Premiere Combate surgiu em 2002 e mudou para o nome atual, Canal Combate, em 2009, dedicando sua programação ao MMA, embora outros esportes de luta apareçam com menor frequência, como boxe e jiu-jitsu brasileiro.

O Grupo Globo, equiparável ao que fez com os campeonatos brasileiros de futebol em relação à proibição dos vídeos pela concorrência, agora já dentro da lógica midiática digital, denunciou diversos canais de Youtube – em especial, Diretasso, Porrada (hoje, Contra Golpe) e Nocaute – que realizavam análise das lutas e dos eventos do UFC, mesmo que eles não chegassem a usar sequer um minuto do vídeo da transmissão oficial. Isso vai de encontro às ações do UFC até o início da década passada, quando pensavam na pirataria como divulgação do seu produto (AWI, 2012). O canal possui desde 2015 o Combate Play, aplicativo e plataforma digital, porém, apenas em maio de 2018 o liberaram para quem não tem um pacote de TV a cabo, assinado direto para a internet, como *streaming*.

Outro fator preponderante para essa disseminação foi a nomeada “luta do século” em 2011, entre Anderson Silva – na época um dos maiores lutadores do UFC – e Vitor Belfort – o mais conhecido lutador do país, por causa da sua participação no *reality show* Casa dos Artistas do SBT, em 2002 (AWI, 2012). O lutador carioca foi fundamental para a expansão do esporte no Brasil, graças também à sua atuação em novelas da TV Globo, como O Clone (2001-2002) e Caminho das Índias (2009). A sua participação no *reality show* fez, inclusive, com que Silvio Santos, dono da SBT, promettesse transmitir ao vivo uma luta sua, cumprindo ainda em 2002, em 22 de junho. Em 2011, com o UFC Rio – ou UFC 134 – liderado por Anderson Silva, pela primeira vez um evento do UFC foi transmitido ao vivo em canais abertos, com o card preliminar exibido pelo site Globo.com e o card principal pela RedeTV! e pelo SporTV, e na íntegra pelo Canal Combate.

A RedeTV! Attingiu 13 pontos, contra 12 da TV Globo, liderando a audiência na TV aberta pela primeira vez. Este fato influenciou, inclusive, o Grupo Globo a dar mais atenção à cobertura do MMA, banido por Roberto

Marinho, por causa das confusões de 1991 e 1997. Mesmo após a sua morte, em 2003, segundo Marcelo Russio (2019), a empresa não deu atenção específica ao esporte até 2010, quando seu neto assumiu a direção esportiva. Em 16 de novembro, três meses após sua morte, Glória Maria fez uma reportagem humanizada de seis minutos para o Fantástico sobre o sucesso dos brasileiros no *Pride*. A reportagem deixa claro: “heróis do outro lado do mundo e desconhecidos em seu próprio país”. Até a rivalidade entre as equipes *Brazilian Top Team* e Chute Boxe ficou de lado, garantindo outra produção na edição seguinte da revista eletrônica, que foi de 32 para 38 pontos de audiência (AWI, 2012).

Se nos EUA o MMA ganhou maior aceitação com o TUF, no Brasil não foi diferente, afinal, a imagem do lutador não poderia ser mais de um brigão de rua, como imperou principalmente nos anos de 1990. “O TUF Brasil seguiu o mesmo formato do Big Brother Brasil, outro *reality show* da TV, exibindo dramas de fácil compreensão, enquanto abria espaço para anunciantes e divertia o telespectador tentando mudar os conceitos sobre o MMA” (ARAÚJO, 2016, p. 24).

O TUF na TV Globo, em 2012, consagrou de vez o esporte entre os mais populares, tendo novamente Vitor Belfort como chamariz como um dos técnicos, ao lado de um dos seus rivais e lutadores brasileiros mais renomados da história do MMA, Wanderlei Silva. Ainda assim, Ferreira (2011) acreditava à época que o esporte estava em posições secundárias nos noticiários esportivos, sobretudo em comparação com o futebol. Essa mesma perspectiva é corroborada por Paulo Curi, produtor de eventos de MMA, para quem um dos principais problemas para divulgação é a falta de interesse da mídia esportiva (MIRANDA, 2012).

Depreende-se que, para ser transformado em produto de entretenimento televisivo, o MMA reinventou-se com base nas regras do veículo: tornou-se esteticamente atrativo para o público, as lutas são mostradas e narradas de forma que reforce o drama e o conflito entre os lutadores e o universo do esporte inspira sucesso, fama e glória (ARAÚJO, 2016, p. 55).

Mídia pós-profissionalização

Em comparação com o futebol, que praticamente guiou o aprimoramento das produções jornalísticas esportivas com sua profissionalização, nos anos de 1960 (ALVAREZ, 2013), o MMA parece ter seguido um caminho um semelhante, uma vez que primeiro surgiram os meios de comunicação especializados, na época do Vale Tudo, acompanhando esta modalidade da luta até ela se tornar, de fato, um esporte, com as regras unificadas em 2000. Esta profissionalização do MMA resvalou no jornalismo e permitiu que, em uma década, o segmento se desenvolvesse, não só com o aumento de editorias, sites jornalísticos, mas até com agência de notícias, revista digital e, mais recentemente, canais de Youtube. Para o presidente do UFC, empresa que se pretende sinônimo de MMA, Dana White, os fãs do esporte estão na internet e nas redes sociais, por isso existe uma obrigatoriedade dos lutadores do seu evento serem ativos no Twitter e

Instagram. O evento chegou a premiar anualmente quem melhor usava o Twitter (AWI, 2012).

O Vale Tudo já era noticiado por causa dos Desafios Gracie, desde o início do século 20, com a prática acontecendo até o início dos anos de 1990, antes mesmo das produções especializadas, algo que se perdeu um pouco após os casos de violência em torno do esporte, devido às brigas entre lutadores, e não às lutas – estas, sim, esportivas. O esporte e a mídia sempre se relacionam e se interferem mutuamente (SANFELICE, 2010), desde o comportamento dos atletas e os produtos colecionáveis e utilizáveis até a transmissão e as próprias regras da modalidade. Os primeiros veículos especializados, as revistas *Tatame*, de 1994 (site em 2009), e *Gracie Mag*, de 1996 (site em site 2007), existem até hoje, mas sempre estiveram mais voltadas ao jiu-jitsu brasileiro. Na década seguinte, surge a revista digital *PVTmag* (2009-2015), já focada em MMA e vinculada ao Portal do Vale Tudo, de 2001. Na televisão, o Canal Combate possui direito de imagem e de transmissão do UFC no país desde 2002. Dez anos depois, em 2012, surge a primeira agência de notícias brasileira especializada em MMA, a Ag. Fight.

Quadro 1 – Mídia tradicional especializada em MMA

Revista – Tatame	1994
Revista – Gracie Mag	1996
Programa no SporTV (Passando a Guarda)	1997-?
TV – Premiere (Canal) Combate	2002
Programa na Rede TV! (UFC sem Limites)	2009-2011
Revista digital – PVTmag	2009-2015
Agência de Notícias – Ag. Fight	2012

Fonte: Elaboração do autor

Uma década após a profissionalização do MMA, além da revista digital e da agência de notícias, a proliferação de veículos especializados se intensificou na internet, especialmente com sites jornalísticos e canais de YouTube. Os principais sites jornalísticos brasileiros especializados em MMA são: Combate.com – *hotsite* específico dentro do Globo Esporte desde 2011 –, Portal do Vale Tudo (PVT), de 2001, – hospedado no UOL –, Super Lutas, de 2007, – vinculado ao portal iG –, MMA Brasil, desde 2008, inicialmente em formato de blog, e Sexto Round, de 2012 até 2019. Em grandes portais e sites jornalísticas, como Terra, UOL e Yahoo!, existe uma editoria generalista como Esportes, enquanto iG e Esporte Interativo apresentam, de modo amplo, a seção Lutas, mesmo que trabalhem majoritariamente com MMA, e Ganhador, com a editoria UFC e muito conteúdo dedicado ao esporte. Os sites menores são muitos, como Nocaute na Rede, MMA Premium, MaisMMA, MMA Inside, Tudo sobre MMA, entre outros.

Quadro 2 – Principais sites jornalísticos especializados em MMA

Portal do Vale Tudo (PVT) – UOL	2001
Super Lutas – iG	2007
MMA Brasil	2008
Combate.com – Globo Esporte	2011
Sexto Round	2012-2019

Fonte: Elaboração do autor

Os principais canais de YouTube autóctones – isto é, criados especificamente para esta rede social, sem outro espaço que o sustente – são: Cage of Bones MMA, de 2017, com 20,1 mil inscritos e já extinto; Canal Encarada, de 2016, com 125 mil inscritos; CFX Sports, de 2011, com 485 mil inscritos; Confraria da Porrada, de 2018, com 16,3 mil inscritos; Contra Golpe, ex-Porrada, de 2013 (com primeira atualização disponível em 2017), com 75,8 mil inscritos; Diretasso, de 2016, com 333 mil inscritos; Jab no Queixo, de 2017, com 87 mil inscritos; MMA BR, de 2015, com 50,7 mil inscritos; MMA Debate, de 2015, com 10,3 mil inscritos; MMA Hoje, de 2018 com 38,7 mil inscritos; MMA no Ponto Brasil, de 2019, com 208 mil inscritos; Nocaute, de 2016 (com primeira atualização disponível em 2018), com 208 mil inscritos; NocauteCast, de 2016, com 729 inscritos; Sexto Round (que até 2019 possuía o maior site independente do país), de 2012, com 247 mil inscritos; e Vitor Miranda, de 2015, do ex-lutador do UFC e com 419 mil inscritos; além dos canais que fazem parte dos sites supracitados, com destaque para a conta do PVT, de 2009, com 117 mil inscritos; do Canal Combate, de 2010, com 412 mil inscritos. Os dados foram conferidos em 18 de maio de 2021.

Quadro 3 – Canais de YouTube especializados em MMA

PVT (do site)	2009
Canal Combate (da TV)	2010
CFX Sports	2011
Sexto Round (ex-site)	2012
Contra Golpe (ex-Porrada)	2013
MMA BR	2015
MMA Debate	2015
Vitor Miranda (lutador)	2015
Canal Encarada	2016
Diretasso	2016
NocauteCast	2016
Cage of Bones MMA	2017-2017
Jab no Queixo	2017
Nocaute	2017

Confraria da Porrada	2018
MMA Hoje	2018
MMA no Ponto Brasil	2019

Fonte: Elaboração do autor

Considerações finais

O modelo de jornalismo esportivo em geral, e no futebol em específico, desenvolve uma aproximação dos jornalistas com jogadores, técnicos e até empresários, chegando até a relações permissivas com cartolas – os dirigentes de um clube (COELHO, 2003; LEANDRO, 2005, 2011). Se, por um lado, essa relação garante algumas informações exclusivas, sobretudo com atletas respeitando mais os jornalistas, por outro, pode atrapalhar as análises dos profissionais, acusados de favorecimento e de “clubismo”. Ainda assim, os cartolas, com interesses que podem até chegar a eleições políticas, são fontes fundamentais para abordar sobre aspectos administrativos – como contratação e demissão de jogadores e da comissão técnica –, de bastidores – da tabela dos campeonatos até os árbitros – e de marketing – como parcerias, orçamentos e canais de comunicação (LEANDRO, 2005, 2011). Por isso, o jornalista deve viver sempre em negociação com esses agentes, jamais deixando que possíveis relações de proximidade interfiram em seu trabalho, como conteúdos críticos ou denúncias.

Um paralelo pode ser traçado entre o jornalismo esportivo produzido ao longo dos anos, notadamente pela perspectiva do futebol, e o que ocorre atualmente na cobertura do MMA. Os jornalistas que cobriam inicialmente este esporte, sobretudo quando ele ainda não era considerado desta maneira, ou seja, quando tinha a nomenclatura de Vale Tudo, possuem uma relação de proximidade e até de amizade com os atletas, seus treinadores e seus empresários. No futebol, isso aconteceu, principalmente, com a relação de proximidade dos jornalistas com os jogadores, os técnicos e os cartolas, como até hoje pode ser observado. Esses laços quando extrapolam o profissional e se tornam quase de amizade podem atrapalhar o jornalista em sua missão de tratar a informação com certa isenção, com os profissionais, frequentemente, acusados de favorecimento, por conta de um clube, no futebol, ou de um atleta e sua equipe, no MMA.

A mistura na redação de ex-atletas com jornalistas é algo que também acontece no MMA, aumentando as críticas em relação ao julgamento dos profissionais que trabalham na mídia com este esporte, por causa de análises mal-feitas, de desconhecimentos das regras e de valorização exacerbada dos lutadores e das academias do Brasil, o “pachequismo”. Segundo Miranda (2012), a inserção desses lutadores existe por causa dos espectadores qualificados, uma vez que normalmente praticam alguma modalidade de luta, fazendo com o que esses profissionais tenham até mais credibilidade e conhecimento do que um jornalista, no tocante aos treinamentos, às negociações, aos eventos e às demais preparações. Essa mescla nas empresas especializadas em MMA é histórica, de acordo com Ferreira (2011), porque esta modalidade jornalística era pouco expressiva quando surgiram as primeiras revistas, nos anos de 1990, que abordavam o esporte – ainda que

fossem majoritariamente destinadas ao jiu-jitsu brasileiro –, como *Tatame e Gracie Mag*, (NASCIMENTO et al., 2011) além do primeiro programa televisivo, o *Passando a Guarda*, de 1997.

Essa aproximação acontece com ex-atletas de Vale Tudo e MMA, como Artur Mariano, Carlão Barreto e Rodrigo ‘Minotauro’ Nogueira, de outras modalidades, como o judoca Flávio Kanto e a jiu-jiteira Kyra Gracie, e até com empresários de lutadores, como Jorge ‘Joinha’ Guimarães. Entre os lutadores brasileiros ainda em atividade que experimentam a atividade de comentarista, estão: Demian Maia, Jéssica Andrade, José Aldo, Júnior ‘Cigano’ dos Santos e Paulo ‘Borrachinha’ Costa. O peso-pesado Fabrício Werdum é o comentarista principal em língua espanhola do UFC. Os comunicadores especializados em MMA também possuem proximidade com lutadores através da prática do esporte. O narrador principal do Canal Combate, Rhoades Lima, recebeu, em 2017, a faixa-marrom de jiu-jitsu brasileiro, enquanto o comentarista titular da emissora, Luciano Andrade, é um reconhecido faixa-preta na modalidade. Os criadores dos sites MMA Brasil e Sexto Round, Alexandre Matos e Renato Rebelo, já praticaram esportes de luta, bem como os mantenedores dos canais Diretasso e Nocaute, Vinicius ‘Vini’ Tavares e José Augusto, além do canal de Vitor Miranda, ex-lutador de *muay thai* e MMA.

O Vale Tudo se desenvolveu aliado aos jornais impressos e TVs abertas, enquanto o MMA atingiu as TVs a cabo e a internet. Se nas décadas de 1920 até 1950 o foco eram os veículos impressos, a partir deste ano os canais abertos de televisão passam a ser o principal alvo para publicidade do esporte. Nos anos de 1990, o MMA foca na TV a cabo, até por causa da rejeição que recebia das abertas, nos anos de 2000, nos sites e blogs, e na década seguinte nas mídias sociais, primeiro, Twitter e YouTube, hoje, também Instagram.

A profissionalização do esporte, em 2000, possibilitou não apenas um crescimento, na década seguinte, da cobertura jornalística através das subeditorias próprias e, principalmente, da proliferação de veículos especializados em MMA, sobretudo na internet, com agência de notícias, revista digital, sites jornalísticos, canais no YouTube e contas em mídias sociais. É nesse período que o esporte se torna mais popular no Brasil por causa da “Luta do século”, em 2011, entre Anderson Silva e Vitor Belfort; o UFC Rio, ou UFC 134, em 2011, transmitido pela RedeTV! e SportTV e com Anderson na luta principal; TUF Brasil, em 2012, primeiro *reality show* de lutas do país. Ainda assim, as pesquisas brasileiras sobre jornalismo esportivo enfatizam o futebol, com uma abordagem praticamente inexistente acerca do jornalismo especializado em MMA. Na área da Comunicação, os aspectos mais comuns estudados são marketing e estratégia de mercado, através do desenvolvimento da marca da empresa UFC e dos seus atletas, destinando ao esporte MMA questões secundárias, com escassos trabalhos que abordam o jornalismo (MARTINS, 2019).

O Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Esporte do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), o maior evento científico da área no país, existe desde 2009. Em dez edições do GP, de 2009 até 2018, 198 artigos trataram diretamente sobre futebol, como observado após avaliações de título, resumo e palavra-chave. A maior incidência das publicações ocorreu entre 2014 e 2015, com diversos textos abordando a Copa do Mundo, o jogador Neymar Jr., além da administração ou do marketing de

clubes de futebol brasileiros e estrangeiros. No mesmo período, e através da mesma análise, foram publicados somente 9 trabalhos especificamente sobre MMA, com 4 sobre aspectos jornalísticos, nos anos de 2009, 2011, 2013 e 2015. Estas pesquisas, ainda assim, não investigaram a produção jornalística sobre MMA em veículos especializados no segmento – apenas como o esporte é representando na produção esportiva em geral.

Referências

ALVAREZ, Fábio. *A domesticação da violência: os processos comunicacionais da rede globo de televisão na abordagem do MMA (artes marciais mistas)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP, 2013.

ALVAREZ, Fábio; MARQUES, José. Breves questionamentos sobre o fenômeno midiático do MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas). In: *Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Recife, 2011.

ARAÚJO, Eugênio. *É Violento, mas é legal! Esporte Contemporâneo e os sentidos construídos por adolescentes sobre a midiatização do MMA (Mixed Martial Arts)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2016.

AWI, Felipe. *Filho Teu Não Foge à Luta*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARRETO, Marcelo; SARMENTO, Wagner. Pesquisador Fábio Quio fala do TV Ringue Torre. *Jornal do Comércio*, publicado em 17 out. 2012. Disponível em: <<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/esportes/outros-esportes/noticia/2012/10/17/pesquisador-fabio-quio-fala-do-tv-ringue-torre-60264.php>>. Acesso em: 09 jan. 2020

BORELLI, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: *Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Salvador, 2002.

CAPRARO, André. Mario Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 213-224, abr./jun. 2011.

COELHO, Paulo. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

COMBATE anuncia novo serviço para atender fãs de lutas direto pela internet. *Combate.com*, publicado em 09 mai. 2018. Disponível em: <<https://sportv.globo.com/site/combate/noticia/combate-anuncia-novo-servico-para-atender-fa-de-lutas-direto-pela-internet.ghtml>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

FERREIRA, Fernanda. *MMA no Brasil: cobertura, espetáculo e formação de mitos no antigo 'Vale-Tudo'*. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 20011.

JARDIM, Juliana. *"It's Time"! MMA Feminino, mercado da beleza e cis-heteronormatividade: uma etnografia multissituada com lutadoras brasileiras*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2018.

LEANDRO, Paulo. Jornalismo esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação as fontes interessadas em desenvolver carreira política. *Diálogos possíveis*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 65-73, 2005.

LEANDRO, Paulo. *Ba-Vi: da assistência à torcida. A metamorfose nas páginas esportivas*. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Jornalismo e esporte: linguagem e emoções. *Corpus et Scientia*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 7, n. 2, novembro, p. 91-99, 2011.

MARTINS, Allysson. MMA entre as modalidades do jornalismo esportivo: profissionalização para além do octógono. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ)*, Brasília, v. 9, n. 24, p. 99-118, jun./2019.

MIRANDA, Fernanda. O MMA no Brasil: um panorama da modalidade. *Esporte e Sociedade*, ano 7, nº 19, p. 50-70, mar. 2012.

NASCIMENTO et al. Virilidade e competição: masculinidades em perfis de lutadores das Revistas Tatame e Gracie. *Memorandum*, Belo Horizonte e Ribeirão Preto-SP, v. 21, 195-207, out. 2011.

RAUPP, Ivan. O 'sobrevivente' Joinha: de andarilho da vida a agente de estrelas do MMA. *Combate*, publicado em 04 dez. 2012. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2012/12/o-sobrevivente-joinha-de-andarilho-da-vida-agente-de-estrelas-do-mma.html>>. Acesso em: 11 set. 2018.

ROSENBERG, Howard. 'Ultimate' Fight Lives Up to Name : Television: Pay-Per-View Battle, Instead of Being Merely Gory and Funny, Gets Interesting After the First Two Bouts. *Los Angeles Times*, publicado em 15 nov. 1993. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1993-11-15-ca-57200-story.html>>. Acesso em: 7 jan. 2020.

RUSSIO, Marcelo. *Entrevista com Marcelo Russio sobre o site Combate.com*. Entrevistadora: Jaqueline Damaceno. Vilhena-RO, 2019. Entrevista concedida ao projeto Jornalismo Especializado em MMA, coordenado pelo Allysson Martins da Universidade Federal de Rondônia.

SANFELICE, Gustavo. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 137-153, jan. 2010.

SANTOS, Igor; MIRANDA FILHO, Vamberto. Considerações sobre mídia e “heróis esportivos” do Mixed Martial Arts. *Motrivivência*, v. 27, nº 44, p. 207-218, mai. 2015.

SILVEIRA, Isabel. *A luta por uma identidade: uma etnografia sobre a subcultura de consumo de MMA*. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

SILVEIRA, Nathália. *Jornalismo esportivo: conceitos e práticas*. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Recebido em 13 de janeiro de 2020
Aprovado em 15 de junho de 2021